

O ENSINO DE HISTÓRIA E A DIVERSIDADE CULTURAL BRASILEIRA:
MANEIRAS E POSSIBILIDADES.
HISTORY TEACHING AND THE BRAZILIAN CULTURAL DIVERSITY:
WAYS AND POSSIBILITIES

Gabriel Jorge Quadros de Paula¹

RESUMO

A presente comunicação pretende tratar a maneira pela qual atualmente o ensino de História tem tratado o tema da diversidade cultural, como também as implicações e reflexões de alguns autores e pensadores desse tema. Evidentemente em um mundo com sérios problemas de ordem cultural e social, tal assunto merece ser bastante investigado.

PALAVRAS CHAVE: Cultura, Identidade e Etnicidade.

ABSTRACT

The present communication is intended to address the way in which nowadays teaching of History is handling the theme of cultural diversity, as well as the implications and considerations from some authors and thinkers of this topic. Obviously in a world with severe cultural and social problems, such issue needs to be well investigated.

KEYWORDS: Culture, Identity and Ethnicity

¹ Acadêmico de História Licenciatura, Furg, 2007. Este Trabalho contou com a colaboração do professor Gerson Wasen Fraga.

O ENSINO DE HISTÓRIA E A DIVERSIDADE CULTURAL: TEMAS E DESAFIOS

Durante muitos anos o tema diversidade cultural não foi tratado pelos professores de história nas salas de aula. Muito debateu-se o motivo pelo qual isso ocorria, entretanto a partir de meados da década de 80, com o fim do regime militar, este tema começa a tomar parte das discussões de muitos cientistas políticos, biólogos, antropólogos, sociólogos e historiadores. Naturalmente os professores de história não podiam ter ficado de fora, o que forçou o início do debate acerca da diversidade cultural da sociedade brasileira dentro das escolas. Apesar disso, muitos livros didáticos não abordaram e ainda não abordam o tema da diversidade cultural. Antes de falarmos em cultura brasileira necessitamos pensar nas palavras expostas pelo antropólogo Darcy Ribeiro que afirmou que

Surgimos da confluência do entrechoque e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outro aliciados como escravos.

(...) A sociedade e a cultura brasileiras são conformadas como variantes da versão lusitana da tradição civilizatória européia ocidental, diferenciadas por coloridos herdados dos índios americanos. (1995, p. 20).

Percebemos por meio da citação de Darcy Ribeiro que a questão cultural no Brasil é múltipla e plural, portanto tratá-la dentro do universo escolar exige do professor de história um conhecimento considerável da sua disciplina, mas também da etnologia, campo científico da antropologia que trata dos estudos das etnias. Evidentemente a exclusão desse tema do universo escolar durante longos anos, explica-se pela dificuldade que possui a sociedade brasileira, mais especificamente o meio intelectual e cultural brasileiro em tratar de questões relativas a injustiças e discriminações étnico-sociais. Diante dessa constatação, esta comunicação tem como questão problema a seguinte idéia: Como nos dias atuais o professor de história pode tratar o tema referente á diversidade cultural dentro da sala de aula?

Sabe-se que a resposta para tal questão não é simples, porém é necessário refletir essa problemática, pois sem isso determinadas idéias errôneas acerca de algumas etnias como a negra, a indígena e árabe continuarão sendo cada vez mais espalhadas, o que impossibilita a

[Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 1, p. 137 a 147, jan./jun. 2009](#)

compreensão do universo dessas culturas. É importante ressaltar que no mundo atual, mundo este cheio de guerras, conflitos territoriais e políticos, a questão cultural emerge como um tema de fundamental relevância social. Segundo afirma Jurjo Torres Santomé (1998, p. 131) uma das questões mais presentes nos livros didáticos é a prevalência de culturas hegemônicas, ou seja, determinados grupos sociais com maior poder político e econômico dentro da sociedade que tem como função calar ou silenciar a existência de outros grupos e culturas que não sejam ligados aos postos de maior poder social.

Obviamente romper com o poder exercido pelas culturas hegemônicas é algo difícil, mas a compreensão e a reflexão por parte do docente de história a respeito da existência de outras culturas e da situação de injustiça na qual estas se encontram, auxilia bastante numa nova proposta curricular na abordagem desse tema. Atualmente no Brasil muitos movimentos têm defendido a inclusão no currículo escolar, aspectos ligados as etnias negra e indígena. Toda essa movimentação tem levado a algumas mudanças significativas, porém ainda existem muitas barreiras a serem transpostas. Apesar dessa constatação, um fato que chama a atenção de grande parte dos educadores e indivíduos sensibilizados com a história do Brasil e de sua própria cultura é o baixo acesso das populações de origem negra e indígena a escola de ensino fundamental e médio e naturalmente às universidades².

Em vista desse problema, entre os anos de 1995 e 1996 no governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso o Ministério da Educação, Mec, na época presidido pelo Ministro Paulo Renato de Souza, estabeleceu uma modificação no currículo do ensino fundamental. O nome dado a esta modificação foi PCN, isto é, Parâmetros Curriculares Nacionais. Conforme José Ricardo Oriá Fernandes:

A grande inovação dessa nova proposta é a existência de temas transversais que deverão perpassar as diferentes disciplinas curriculares (Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências e Artes) e permitir, com isso, a interdisciplinaridade no ensino fundamental.

² A questão referente ao baixo acesso das populações indígena e africana e de seus respectivos descendentes ao mundo ao ensino fundamental, médio e universitário converte-se até os dias atuais num problema de desigualdade social.

Os temas transversais são Convívio Social e Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Saúde, Trabalho e Consumo. (1997, p. 24).

Vemos que ao criar tal lei foi dada a chance de reparar algumas injustiças cometidas às etnias negras, indígenas e outras, como também uma oportunidade da escola brasileira abrir a discussão a respeito da diversidade étnica do Brasil. Mesmo com esta breve exposição do assunto deste trabalho, necessita-se apontar como isso pode ser trabalhado pelo professor de história dentro da sala de aula. Tal questão será problematizada no subtítulo seguinte.

O TEMA DIVERSIDADE CULTURAL NAS AULAS DE HISTÓRIA: ABORDAGENS E POSSIBILIDADES

Diante da necessidade de abordarmos o tema da diversidade cultural dentro da escola, especialmente nas aulas de história, muitos pedagogos e historiadores têm debatido de que forma tal tema pode ser abordado dentro da sala de aula. Esta discussão se dá principalmente, pelo fato da maioria dos alunos possuírem dificuldade de interpretação de muitos temas do cotidiano. Evidentemente, sabe-se que não existe uma única maneira para executar tal tarefa, entretanto, entende-se que a maneira mais apropriada é a feitura de um bom plano de aula que contemple os aspectos mais relevantes desse assunto, como também aquilo que o professor de história julga como primordial para que os alunos compreendam. De modo geral, este tipo de técnica leva os alunos a se interessarem pela aula e a discutirem o assunto, pois ele é polêmico. Acreditamos que neste momento o docente de história deve ter uma postura diferenciada daquela tomada geralmente por professores de uma matriz mais tradicional, ou seja, deve permitir que os alunos debatam e problematizem o quanto for necessário. Diante dessa situação, o professor de história deve intervir somente quando sua presença for de alguma forma importante. Apesar disso, alguns professores temem tomar tal atitude porque essa pode render alguns riscos, além de poder explicitar o preconceito ou a desinformação de muitos estudantes e no pior dos casos, do próprio docente de história. Em vista disso, o Documento redigido pelo Ministério da Educação em 1997 aponta que

A temática da Pluralidade Cultural diz respeito ao conhecimento e à valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades socioeconômicas e à crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal³

Vê-se ao interpretar as questões levantadas pelo documento do Ministério da Educação, o motivo que levou o ministro dessa área no governo Fernando Henrique, Paulo Renato de Souza a definir qual o espaço que o tema da diversidade cultural ocupa dentro do currículo brasileiro. Mesmo com esta demonstração, a aplicabilidade do assunto diversidade cultural dentro das aulas de história exige do professor dessa disciplina a execução de uma problematização onde encontre-se como tal conteúdo deve ser trabalhado. Diante de tal empreitada, o docente de história pode escolher qualquer assunto da história brasileira relacionado às questões étnico-culturais. Um dos temas mais trabalhados neste tipo de abordagem é o da escravidão negra. Mesmo definido o assunto, necessita-se especificá-lo de uma maneira clara e prática. Neste momento entra em voga as leituras feitas pelo professor e a intenção do mesmo em abordar o tema de diversidade cultural⁴. Sabe-se que a expressão diversidade cultural é bastante ampla, portanto fazer um recorte dessa aliado ao conteúdo da aula permitirá certamente a abordagem do assunto na sala de aula. Vai aqui alguns exemplos:

Supõe-se que o tema escolhida para a aula de história numa turma de sexta-série seja a escravidão negra no Brasil. Diante disso, o professor de história pode estabelecer como objetivo no seu plano de aula que sua intenção é possibilitar aos alunos a compreensão de como funcionou o modelo de organização social escravista e quais as conseqüências e resquícios deixados por este nas relações entre brancos e negros. Entende-se que com esta questão problema, o professor de história pode contextualizar o período escravista mostrando os diferentes tipos de atividades dos negros escravos em várias regiões do país, como também as relações estabelecidas entre os brancos e negros, só que não simplesmente a forma como ambos se relacionavam, mas como formou-se uma mentalidade baseada na exploração de uma cultura e etnia, no caso a portuguesa, sobre a africana. Naturalmente ao fazemos tal colocação, o docente de história pode relacionar

³ Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília, DF: Mec/ SEF, 1997.

este modelo de organização social e ideológico com o preconceito ainda existente na atual sociedade brasileira com os afro-descendentes. Acredita-se que neste momento, os alunos serão sensibilizados, pois muitos deles devem ser de origem negra ou até mesmo podem ser indivíduos que mantêm uma postura racista e discriminatória. Diante desse patamar, o professor de história deve problematizar, isto é, indagar aos alunos o motivo que levou a estruturação do modelo escravista e a formação de uma mentalidade preconceituosa. Neste momento, a sugestão é fazer um amplo debate sobre estas questões, porém por meio da mediação do professor com os alunos. É importante ressaltar que essa prática é necessária em vista da delicadeza do assunto e da imaturidade de alguns alunos em lidar com assuntos polêmicos. Outro exemplo, pode ser a questão referente aos índios. Compreendemos que as ferramentas para a execução da aula são parecidas com a exposta anteriormente acima, todavia, devem-se guardar as devidas proporções, porque ao não tomar esse cuidado, o professor de história pode se confundir e o pior de tudo, confundir os próprios alunos. No caso dos índios, pode-se tratar do assunto Missões Jesuíticas, algo próximo dos alunos gaúchos, pois neste estado encontra-se uma das ruínas mais antigas do período missionário, a ruína de São Miguel das Missões. Neste caso, o docente de história pode demonstrar quais foram os objetivos que levaram os padres jesuítas a formar as missões no século XVII e de que maneira este espaço representou um modelo de interação entre uma cultura européia e outra cultura diferenciada, a indígena. O último exemplo sugerido é tratar da imigração de grupos étnicos poucos trabalhados pela historiografia nacional, mas importantes para a formação da sociedade brasileira. Acredita-se que a maneira mais apropriada de tratar estas imigrações como a japonesa, chinesa ou árabe é apontar os motivos que fez com que estes imigrantes viessem para o Brasil e as relações destes para com a cultura nacional. Como estas imigrações estão presentes em quase todos os estados nacionais, cremos que a melhor maneira é escolher um estado como referência. Mesmo assim, é importante ressaltar que as idéias expostas são simplesmente sugestões, portanto cabe a cada professor de história escolher qual a melhor maneira de tratar desse assunto.

(...) o corpo docente atual é fruto de modelos de socialização profissional que exigiam apenas que se prestasse atenção á formulação de objetivos e metodologias, não considerando objeto de sua incumbência a seleção explícita dos conteúdos culturais. Esta tradição contribuiu decisivamente para deixar nas mãos de outras pessoas (geralmente o que é pior, sua “confissão”. Em diversas ocasiões os conteúdos são contemplados pelos alunos como fórmulas vazias, e mal chegam a compreender o seu sentido. (...) Conseqüentemente, a esta altura já existem muitas vozes ausentes e/ ou

deformadas na maioria dos currículos planejados e desenvolvidos nas instituições e salas de aula. (Jurjo Torres Santomé, 1998, p. 131).

Percebemos interpretar as idéias de Santomé que o próprio campo docente carece muitas vezes de uma melhor formação acerca de muitos temas e conteúdos. De certa forma, o assunto diversidade cultural também faz parte dessa realidade. Infelizmente outra questão que abala bastante qualquer tentativa de debate sobre as culturas e etnias que formaram e formam a sociedade brasileira, é a desvalorização da disciplina de história em grande parte das escolas brasileiras. Não raramente ouve-se professores dessa disciplina reclamarem da pequena carga horária que a mesma tem dentro das escolas ou até mesmo da incompreensão do aluno por parte das questões abordadas pela história. Fora isso, estudos feitos por alguns institutos apontam que a maior parte das escolas brasileiras não possui espaços para o aprofundamento das idéias e temas abordados dentro de sala de aula. Entende-se que no caso tratado por este trabalho, ou seja, a diversidade cultural brasileira necessita-se de um projeto político pedagógico que reúna professores de história, mas de outras disciplinas, supervisores pedagógicos, pais e comunidade. A razão para tal união explica-se pelo fato da seriedade e da complexidade do tema. Em várias localidades espalhadas pelo território brasileiro, as pessoas praticam ou são vítimas de atos de preconceito e de discriminação étnico- cultural. Certamente com uma escola atuante e que democratize e aprofunde os debates, tais atitudes poderão ser questionadas e melhor de tudo, superadas. Diante disso, emerge outra pergunta: Por qual motivo o professor de história foi escolhido neste trabalho como o profissional por excelência mais preparado para abordar o tema da diversidade cultural?

A resposta é longa, entretanto o motivo para tal escolha pode ser facilmente explicado pelo fato da história ser uma ciência relacionada ao homem, isto é, uma ciência que faz parte do campo das humanidades. Em vista disso, a história tem como o seu objeto de estudo o homem e as diferentes sociedades constituídas ao longo do tempo.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino de História:

O domínio das noções de diferença, semelhança, transformação e permanência possibilita ao aluno estabelecer relações e, no processo de distinção e análise, adquirir novos domínios cognitivos e aumentar seu conhecimento sobre si mesmo, seu grupo, sua

Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 1, p. 137 a 147, jan./jun. 2009

região, seu país, o mundo e outras formas de viver e outras práticas sociais, culturais, políticas e econômicas construídas por diferentes povos (...) A seu modo, o ensino de história pode favorecer a formação do estudante como cidadão, para que assuma formas de participação social, política e atitudes críticas diante da realidade atual, aprendendo a discernir os limites e as possibilidades de atuação, na permanência ou na transformação da realidade histórica na qual se insere. Essa intencionalidade não é, contudo esclarecedora nela mesma. É necessário que a escola e seus educadores definam e explicitam para si e junto com as gerações brasileiras atuais o significado de cidadania e reflitam sobre suas dimensões históricas⁴

A questão exposta acima pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para a disciplina de história no ensino fundamental aponta as razões pelas quais a história é uma das ciências mais apropriadas para tratar do tema diversidade cultural. Infelizmente muitos docentes de história, ainda resistem à toma conhecimento dos pcns, como também das maneiras de abordar o assunto relacionado à diversidade cultural dentro da sala de aula. Já expomos anteriormente neste artigo, as razões que possivelmente levam estes profissionais a tomarem tal comportamento, entretanto, causa espanto constatar que já existe há um bom tempo uma significativa literatura a respeito do tema elencado anteriormente. Isso reforça a distância existente entre a produção feita dentro das universidades e a realidade existente em grande parte das escolas brasileiras. Tal aspecto merece ser destacado, porque notamos que os problemas referentes ao campo da educação não se restringem unicamente ao papel do professor ou da falta de adequação desse profissional em tratar algum assunto polêmico, como o da diversidade cultural, mas em questões bem mais complexas. Não raramente constata-se a falta de bibliotecas em muitas escolas, além da inexistência de bons livros e profissionais adequados para trabalhar em um ambiente de leitura, algo que fragiliza bastante o desenvolvimento e o aprofundamento intelectual dos discentes. Fora isso, a carga horária das aulas de história na maior parte das escolas brasileiras é insuficiente para tratar de maneira considerável esta disciplina. Evidentemente, com pouco tempo de aula, uma escola desestruturada, isto é, com profissionais e serviço de acompanhamento pedagógico deficientes ou acomodados, aliados aos preconceitos e resistências de alguns professores, qualquer assunto mais complexo torna-se de difícil execução na aula de história. Mesmo assim, muitos profissionais dessa disciplina tem a sua maneira tentado trabalhar o assunto diversidade cultural nas suas aulas.

⁴ Trabalhar o tema da diversidade cultural dentro da sala de aula é uma das atitudes decisivas para a formação de uma mentalidade mais democrática e que saiba lidar com as diferenças étnicas e sociais de uma maneira respeitosa e harmônica.

Percebemos que as abordagens e possibilidades de tratar-se a diversidade cultural dentro das salas de aulas são muitas. Cabe agora mostrarmos, especificidades desse assunto.

DIVERSIDADE CULTURAL: FERRAMENTAS E IMPLICAÇÕES

O tema a respeito da diversidade cultural já suscitou e ainda tem suscitado muitos debates e discussões. Estas se dão principalmente pelo fato de que atualmente falar-se na fragmentação das identidades culturais. No caso Brasileiro, temos especificamente um autor consagrado, o sociólogo Gilberto Freyre. Este intelectual destacou-se pela visão de que a cultura brasileira é um cadinho de culturas. De certa maneira, a interpretação acerca da diversidade cultural brasileira do antropólogo Darcy Ribeiro interliga-se de alguma maneira com o que apontou Gilberto Freyre.

Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo- há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica pelo Brasil- a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro. No litoral, do Maranhão ao Rio Grande do Sul, e em Minas Gerais, principalmente do negro. A influência direta, ou vaga e remota, do africano⁵.

Estas idéias expostas por Gilberto Freyre corroboram com o pensamento corrente entre muitos estudiosos que tratam de assunto ligados à etnia e a diversidade cultural. Mesmo com a grande contribuição dada por essa corrente ligada ao pensamento de Gilberto Freire, atualmente a questão da diversidade de culturas e etnias é vista sob um prisma diferente. Isso é facilitado principalmente pelos grandes deslocamentos populacionais e étnicos, sendo estes muitas vezes causados por guerras, situações de miserabilidade social e perseguições de ordem política, social e econômica. Dentre esta nova corrente de estudiosos da diversidade cultural, destaca-se o sociólogo da Universidade de Lille, no interior da França. Este profissional tem se dedicado nos

⁵ Casa Grande e Senzala, 1999, p. 283.

últimos anos por estudar o tema do multiculturalismo, um outro conceito para a palavra diversidade cultural.

Na época da independência dos Estados Unidos, o país contava menos de quatro milhões de habitantes. A imigração foi de fundamental importância para o povoamento do país. Durante quase um século, o povoamento dos Estados Unidos efetuou-se, com exceção dos negros, por dois fluxos migratórios principais: um fluxo de origem anglo-saxônica ou escocesa e um fluxo de cultura germânica, proveniente dos Países-Baixos, Alemanha e Suécia (...) (Andréa Semprini, 1999, p.26).

Este exemplo apontado pelo sociólogo Andréa Semprini vai ao encontro da moderna concepção no campo das Ciências Sociais acerca da diversidade cultural, pois diante da fragmentação e das intensas migrações e mestiçagens étnicas não podemos falar de uma cultura, mas de várias culturas que convivem, lutam e se inter-relacionam.

Muitos profissionais criticam a falta de uma abordagem mais específica por parte do PCN do ensino de história sobre esta questão, porém sabe-se que a função dos parâmetros curriculares nacionais é fornecer um esquema possível de ação dentro da sala de aula. Mesmo com outras discussões mais acaloradas acerca de tal problemática, constatar que existe uma bibliografia especializada no tema diversidade cultural tanto a nível nacional como internacional, dá ao professor de história uma maior segurança ao tratar esse assunto em suas aulas.

CONCLUSÕES

Ao finalizarmos este trabalho compreendemos que a abordagem do assunto diversidade cultural dentro das aulas de história são cada vez mais necessárias e urgentes. Fora isso, as resistências e dificuldades a serem enfrentadas por todos docentes de história que assumirem essa responsabilidade, exigem uma abertura e compreensão do espaço escolar onde estes profissionais estão inseridos. Numa sociedade onde as questões muitas vezes são negligenciadas e até muitas vezes desprezadas, a existência de um documento judicialmente e pedagogicamente aprovado como os Parâmetros Curriculares Nacionais, representou um grande avanço e um sinal de que

uma parte considerável da população brasileira quer ou pelo menos demonstra querer discutir tal assunto.

É fundamental que o meio escolar brasileiro, ou seja, as diferentes modalidades e tipos de escolas, professores e alunos compreendam e se conscientizem que ao não tratarmos o assunto da diversidade cultural ou das várias diversidades culturais estaremos impedindo o amadurecimento da ainda pequena, mas necessária democracia no Brasil.